



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
CURSO DE BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (BHU)**

MICHEL VINCENT DE OLIVEIRA SAMPAIO

**CAMINHOS TRANSVERSOS:
PLURALIDADES E RESISTÊNCIAS TRANSMASCULINAS**

**REDENÇÃO
2019**

MICHEL VINCENT DE OLIVEIRA SAMPAIO

**CAMINHOS TRANSVERSOS:
PLURALIDADES E RESISTÊNCIAS TRANSMASCULINAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a Silvana Mariz

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Silvana Fernandes Mariz
(Orientadora / IH UNILAB)

Prof^a. Dr^a. Janaína Lobo
(Examinadora IH / UNILAB)

Antônio Luciano Moraes Melo Filho
(Produtor Cultural PROEX / UNILAB)

**REDENÇÃO
2019**

TERMO DE APROVAÇÃO

Relatório de vídeo e ficha técnica de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidade da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

CAMINHOS TRANSVERSOS: PLURALIDADES E REISTÊNCIAS TRANSMASCULINAS

MICHEL VINCENT DE OLIVEIRA SAMPAIO

Data da aprovação: ____/____/____

Nota: ____

**2019
REDENÇÃO-CEARÁ**

“As masculinidades são várias, não existe uma masculinidade só, também não existe uma transexualidade só. Cada um é um. Esse termo é só pra gente se fazer entendível perante a sociedade”

João W. Nery, 2016.

Homem trans psicólogo e ativista, autor de *Viagem solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois*. Em entrevista na 1ª Conferência Internacional [SSEX BBOX] & Mix Brasil.

“Eu acredito que os homens trans, ou as masculinidades ‘não oficiais’, vamos dizer assim, elas tão muito marginais. Existe essa força pra que exista apenas um modelo de masculinidade”

Ariel Nobre, 2017.

Homem trans publicitário e ativista, idealizador da campanha de sensibilização e prevenção do suicídio sistemático de homens trans *Preciso dizer que te amo*. Em entrevista ao programa *rolê LGBT*.

AGRADECIMENTOS

*“Quando tudo parece que está perdido,
é nessa hora que você vê
quem é parceiro, quem é bom amigo
quem tá contigo, quem é de correr.
A sua mão me tirou do abismo
o seu axé evitou o meu fim
me ensinou o que é companheirismo
e também a gostar de quem gosta de mim*

*Quando a gira girou, ninguém suportou
só você ficou, não me abandonou
quando o vento parou e a água baixou
eu tive a certeza do seu amor”*

Intérprete: Zeca Pagodinho | Composição: Claudinho Guimarães & Serginho Meriti

Agradeço à todxs os meus irmãos, irmãs, e parceiros que contribuíram na construção direta e/ou indireta para que este audiovisual saísse do pensamento e fosse concebido com tanto afeto, empatia e lealdade. Sem suas forças, eu não teria tanta firmeza para resistir aos abalos no trajeto desse projeto, portanto este fruto não é meu, é nosso. Aos meus pais pela educação e cuidado que me deram, pois mesmo não aceitando totalmente minha identidade de gênero (é uma luta árdua, mas tento compreender seus processos), lembro que desde muito pequeno, vocês me levavam para os encontros ecumênicos das CEBs, consequentemente vocês são os responsáveis pelo aprendizado acerca das (r)existências diversas e plurais que devemos acolher a respeitar. Amo e estimo cada um de vocês para sempre.

A minha irmã Samara Sampaio que me inspira com sua grande energia musical e pacificadora, que me apoiou na minha trajetória de transição, que me acolhe e ama como sou. Gratidão Sam!

Ao meu irmão Marcos Leandro por me proporcionar a visão de simplicidade e afetuosidade com a natureza e coisas pequenas ao meu redor. E que também contribuiu com a montagem e edição do audiovisual. Você é arte, irmão!

Agradeço ao meu grande amigo Wolney Rodrigues por acreditar no potencial particular dos meus sonhos de estudar na UNILAB e manter comigo um laço de amizade e companheirismo que perpetua momentos bons, ruins, tediosos, mas sempre com a certeza de que as verdades

que muitos não têm a coragem ou liberdade de dizer são necessárias para o crescimento. Obrigado rapaz latino-americano.

Agradeço ACarlos, uma grande potência que me deixou conhecer também as fragilidades e resistências de suas tantas expressões de corpos. ACarlos compartilhou/a comigo saberes, sorrisos e *afetividades em trânsito* que me acompanham e me TRANS-bordam. És uma referência enquanto desconstrução de humanidade para mim.

Ao meu amigo Hesse Santana e amiga Liana Cavalcante, casal que me acolheu em um momento bastante ímpar. Obrigado por me concederem a honra de suas presenças e alegrias de tantas horas.

Grato à minha amiga Lauana Lessa pela afetividade e apoio.

Agradeço à banca, professora Janaína Lobo e Luciano, pelo aceite do convite de estar presente e compartilhar saberes.

Agradeço aos professorxs do BHU, em especial Anne Sophie Grosselin, Joceny Pinheiro, Daniele Ellery e Vico Melo, por todo aprendizado amadurecido até aqui.

Agradeço à minha orientadora e professora no BHU Silviana Mariz, que me ajudou a desenvolver e amadurecer este trabalho com perspicácia e companheirismo.

Agradeço à Coordenadora do BHU, professora Jaqueline Costa pelo comprometimento com o curso que proporcionou imensa desconstrução dentro e fora da universidade.

Agradeço à professora Luma Andrade pela confiança e por suas lutas e resistências para a população LGBTQ+, em especial a trans dentro da UNILAB, e também ao Projeto Trans*formando do qual sou bolsista, pelo incentivo que me permite continuar na universidade e almejar novas perspectivas.

Grato à vida de todas as pessoas transgêneras e intersexos que cruzaram com minha vida, pois suas fortalezas me tornaram mais resistentes às quedas e me ensinaram o auto amor.

Grato à vida, à liberdade, à força e a toda completude de energias de resistência que traçaram e traçam nossas vidas. Aos afetos que nos afetam. Aos aprendizados que tive e que não de vir.

Este trabalho é de vocês todxs e para todxs! Nos vemos nas quedas e nos pódios!

RELATÓRIO DE PESQUISA E COMPOSIÇÃO DO VÍDEO

Título do vídeo: CAMINHOS TRANSVERSOS: PLURALIDADES E REISTÊNCIAS TRANSMASCULINAS

Duração do Vídeo: 20 min

Entrevistados em ordem alfabética:

Ámon Eliseu

Enzo Raphael

Hesse Santana

RESUMO

O objetivo deste relatório fílmico é apresentar através de narrativas (auto)etnográficas e etnográficas o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado em formato audiovisual, intitulado: Caminhos Transversos: Pluralidades e Resistências Transmasculinas. É um trabalho que passeia por falas de três interlocutores em suas vivências transmasculinas antes, durante e após o processo de transição de gênero. Processos esses, que se inter cruzam em diferentes momentos de suas narrativas. Experiências plurais que se interseccionam expondo possibilidades de enfrentamentos e resistências diferenciados. As potencialidades trazidas por esses três homens trans e analisadas pelo pesquisador que também está imerso em um contexto similar na sua individualidade, busca evidenciar numa percepção mais profunda, todos os embates e as lutas numa vivência social que normaliza e institucionaliza exclusões de corpos que não reforçam à norma compulsoriamente “destinada” ao nascer, como são os corpos transgêneros em suas trajetórias ao encontro de suas identidades. A reflexão pautada no audiovisual, busca evidenciar essas transvivências, bem como denunciar o cissexismo que distancia, exclui, expulsa, violenta, dilacera e assassina as transgeneridades. Nesse trabalho é abordado especificamente apenas as vivências transmasculinas que são demasiadas invisíveis, mas quem existem, resistem e trazem à tona um emaranhado de visões acerca das normatizações cisgêneras que segregam e exotificam sujeitos considerados fora da norma. É perceptível também a necessidade de fuga dessa masculinidade tóxica hegemônica e cisgênera, projetando para as masculinidades trans, possibilidades positivas de performar novas masculinidades. Sendo assim, os interlocutores abordam assuntos diversos e denunciam estruturas de violência e poder sobre seus corpos. Seja em escolas, universidades, mercado de trabalho, na maioria dos lugares da sociedade, a cisgeneridade é apontada como normatividade naturalizada. E quando essas questões atravessam e interseccionam-se entre questões de classe e raça, isso fica ainda mais evidente.

Palavras-chave: Transmasculinidades; Transvivências; Pluralidades trans; Educação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. DEVANEIOS AUTOREFLEXIVOS INICIAIS.....	11
3. TRANSIÇÕES TRANSMASCULINAS PLURAIS.....	15
4. METODOLOGIA.....	16
5. CISGENERIDADE.....	17
6. CAMINHOS TRANSVERSOS.....	18
7. O ROTEIRO.....	18
7.1. ENZO RAPHAEL.....	18
7.2. ÁMON ELISEU.....	19
7.3. HESSE SANTANA.....	20
8. PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO TRANSMASCULINAS.....	21
9. CONSTRUÇÃO DO AUDIOVISUAL.....	22
10. DIÁLOGOS COM AS BIBLIOGRAFIAS.....	22
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES.....	25

INTRODUÇÃO

Conforme proposto neste caminho, essa pesquisa aborda em suas narrativas e da maneira mais fiel a realidade de Enzo Raphael, Hesse Santana e Ámon Eliseu, três homens trans¹ que se assujeitam em vivências que raramente são debatidas no campo de pesquisa que pretendo atuar. Ressaltando questões e contextos como infância, adolescência, família, relacionamentos e inserção no mercado de trabalho, percorremos por falas de experiências dessas pessoas com as principais instituições pelas quais nossas identidades perpassam e são cerceadas, vigiadas e disciplinadas dentro de uma lógica binária² e heteronormatizante³.

Fortaleza e Acarape foram cidades escolhidas por mim, tanto devido a facilidade de acesso, como por apresentarem possíveis perspectivas e desenvolvimentos diferentes entre aquilo que entendo como sendo uma cidade grande, Fortaleza, capital do Estado, e uma cidade pequena que é Acarape, situada na macrorregião que compõe o Maciço de Baturité. Sendo assim, Enzo e Hesse moram no contexto de Fortaleza, enquanto Ámon está inserido no âmbito de Acarape.

As idades dos interlocutores também se diferenciam. São três gerações distintas cujas falas se intercalam, mas suas experiências nem sempre são similares entre si, tornando mais evidente as pluralidades e interseccionalidades⁴ entre as realidades.

O projeto se desenvolve numa pesquisa com entrevistas semiestruturadas, com observação participante, registro em audiovisual com a elaboração de um pequeno curta de caráter documental, visto que essas imagens poderão viajar facilmente por ilimitadas plataformas virtuais por meio da internet, denunciando vivências de potência e resistência de corpos silenciados durante tanto tempo, pois *nunca a imagem se impôs com tanta força em nosso universo estético, técnico, cotidiano, político, histórico. Nunca mostrou tantas verdades tão cruas.* (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 209)

¹ Pessoa que se identifica com o gênero masculino, diferente do gênero feminino que lhe foi imposto ao nascer.

² Lógica normalizada e institucionalizada da dicotomia binária de gênero (homem/mulher), baseada no sexo biológico e nas relações de poder (dominador/dominado) determinadas através das construções dos papéis de gênero impostos na sociedade. Para maiores informações, consultar as obras: “Problemas de gênero” (BUTLER, 1990); “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica” (SCOTT, 1995); “Políticas de masculinidade” (CONNELL, 1995).

³ Relativo à heteronormatividade: Lógica que impõe a heterossexualidade compulsoriamente como sexualidade naturalizada e dentro da norma, tornando inferior e/ou subalterna todas as sexualidades diferentes dessa. (homossexual, bissexual, etc.).

⁴ Conceito desenvolvido por Kimberlé Crenshaw, professora e intelectual norte americana. Pesquisadora sobre estudos da teoria crítica da raça. Interseccionalidade é uma teoria que traz à tona a existência de múltiplos sistemas de opressão, em particular que se cruzam, articulando raça, gênero e classe. Ver mais em: “A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero” (CRENSHAW, 2002).

De acordo com dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), 42% da população trans já tentou suicídio e 85,7% dos homens trans já tentaram ou pensaram nessa possibilidade. É revelador o quanto esses dados trazem à tona a necessidade de mostrar essas vivências, ou melhor, essas transvivências⁵, pois apenas expondo essas realidades é que poderemos somar forças para as necessárias mudanças e transformações.

Essa pesquisa tem intenção de proporcionar um olhar crítico, em bases teóricas e práticas, necessário para a sociedade brasileira, acrescentando à literatura das transmasculinidades⁶ importantes dados que servirão de referência para continuidade de pesquisas posteriores.

1. DEVANEIOS AUTOREFLEXIVOS INICIAIS

Redenção, 30 de março de 2019.

São 6 da manhã e quero me permitir refletir acerca deste projeto em primeira pessoa, contando sobre essa experiência quase habitual de acordar tomado por pensamentos confusos e batidas cardíacas aceleradas causadas pelos malditos sintomas da ansiedade, com a qual mantenho uma relação de “parceria” desde fins de 2017.

Pode parecer natural sentir todas essas sensações no *mundo líquido* (BAUMAN, 2013) atual, onde as vivências estão cada vez mais rápidas e os sentimentos cada vez mais voláteis e efêmeros, mas para mim essa angústia matinal talvez tenha motivos específicos que pretendo expor e compreender mais à frente nesse projeto.

Num quarto de um pequeno apartamento em Redenção, deitado na colcha de retalhos rosa surrada que cobre um colchão que apenas me cabe, reflito sobre como é desafiante abordar sobre a temática que proponho neste trabalho; apresentar minhas próprias vivências na condição de sujeito transmasculino e, ao mesmo tempo, trazer vozes de sujeitos diversos dentro de um contexto tão plural que são essas *novas matizes na aquarela das masculinidades* (ALMEIDA, 2012).

Nascido em 1º de abril de 1989, passei 26 anos vivendo e sendo lido como mulher numa sociedade machista, sexista e heteronormativa. Só em meados de 2015 decidi começar meu processo, ao que, na verdade, ainda estou nele. E fica perceptível as mudanças que

⁵ Vivências de pessoas trans. Conceito citado inicialmente para se referir à vivências subjetivas de homens trans em “Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências” (NERY; MARANHÃO, 2013).

⁶ Masculinidades de homens trans ou pessoas não-binárias transmasculinas.

ocorreram na minha trajetória desde ali. Não houve um momento exato, um dia exato, mas as coisas já vinham acontecendo de dentro para fora de mim desde 2012. Lembrar disso é um tanto engraçado, pois me vejo com consciência de mundo, crenças e ideologias totalmente distintas desse período.

Estava a folhear uma revista (não lembro ao certo o nome), mas trazia uma reportagem sobre uma pessoa que supostamente havia “trocado de sexo” de mulher para homem. A matéria também focava no fato da separação de sua ex companheira, pois esta havia perdido o desejo na relação com o rapaz após sua transição. Para minha surpresa, eles mantinham uma relação de amizade e convivência duradoura, e compartilhavam maternidade e paternidade com uma criança que haviam adotado antes da transição. Foi a partir dessa matéria lida, aleatoriamente, em 2012 que me veio um estalo, pensamentos que fizeram todo o sentido para mim. Até aquele momento, não conhecia o termo transexualidade e nem me passava a ideia da existência de homens trans.

Quero deixar explícito aqui que não há nenhuma intensão desses escritos iniciais ou esse trabalho de pesquisa serem um tipo de *egotrip*⁷ ou *self made man*⁸, mas essas lembranças são importantes para reflexão das transexperiências de quem fui e a construção de quem sou até aqui. Como desencadeou a luta e autoafirmação da identidade que tenho hoje e como vejo essa luta na vida de outros homens trans a partir disso. Dessa forma, reafirmo as plurais existências e formas de transmasculinidades.

Uma caminhada nada fácil foi chegar até aqui, recebi ajuda e incentivo intelectual de muitas pessoas, que foram mestres e mestras incansáveis nessa necessária construção enquanto pesquisador, pensador e ativista pela livre vivência e expressão das sexualidades e gêneros diversos. Essa que não é só minha luta, mas a luta de um movimento ainda em construção que são os *transfeminismos*⁹.

Após tantas portas fechadas depois do início da transição, não poderia deixar de falar sobre o papel que a universidade teve e tem na caminhada que desenvolvo.

O primeiro contato com o campo acadêmico foi na Estácio, onde estudei por dois anos arquitetura e urbanismo através de um financiamento estudantil, até enxergar que não tinha mais identificação na área, principalmente no campo de atuação extremamente elitista que viria posteriormente. Minha consciência crítica me fazia sentir que o centro acadêmico em si

⁷ É a junção de duas palavras Ego (do latim, “eu”) e trip (do inglês, “viagem”), ou seja, é basicamente uma viagem ao ego, uma viagem do eu. Uma forma de escrita egóica.

⁸ Alguém que se fez por si próprio, com seu esforço, por suas boas qualidades.

⁹ Para saber mais: “Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais” (DE JESUS; ALVES, 2010).

era fora da minha realidade, indo de encontro com a transição que se iniciava dentro desse contexto. O que me causou alguns constrangimentos, reforçando minha saída daquele contexto onde já não me sentia pertencer há algum tempo.

Após minha saída decidi que estudaria até conseguir uma vaga na universidade pública, e assim aconteceu. Me voltei para a música, uma das áreas que mais importantes que não posso deixar de falar, me salvou em muitos contextos de ansiedade. O primeiro contato com a universidade ou âmbito acadêmico público foi no IFCE¹⁰, onde estudei o técnico de música e comecei a vivenciar com minha nova identidade um outro tipo de experiência, a de me perceber em um grupo de homens cisgêneros músicos que de pronto já me respeitaram. Um tratamento de parceria que não havia antes da transição.

Após 1 ano, tendo feito a prova do ENEM¹¹, no SISU¹² consegui para minha surpresa, passar no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na UNILAB, ao qual me encontro hoje. O que me levou a sair do IFCE e optar por estudar a graduação. Também como fuga da casa dos meus pais onde passei por transfobias e violências psicológicas, sair de Fortaleza seria para mim um recomeço, e de fato foi.

Com ajuda financeira do meu pai e orientação de colegas que havia acabado de conhecer em Redenção, pude me manter na cidade estudando até a solicitação e contemplação do auxílio moradia. À partir de então comecei a enxergar o diferencial gritante entre IFCE e UNILAB.

Estar e estudar na UNILAB é um privilégio, visto que vivenciamos pluralidades diversas de grupos sociais distintos, grupos na sua grande maioria marginalizados e estigmatizados, as chamadas minorias sociais. Indígenas, quilombolas, LGBTQ+, além de haver integração com alunos e alunas internacionais dos países da lusofonia, em sua maioria países africanos. Toda essa diversidade fez com que houvesse a sensação mais feliz que alguém pode ter, a de pertencer, de fazer parte.

Nessa universidade e nesse curso diferenciado que é o BHU, foi onde encontrei os conhecimentos epistemológicos bem além do que imaginava. As disciplinas diferenciadas que perpassei, os estudos sobre gênero, raça, classe, me fizeram enxergar questões que antes eram despercebidas.

Chegar até aqui me fez encontrar outras pessoas como eu, como o próprio Ámon, um dos interlocutores do produto audiovisual, do qual mantenho amizade sólida desde eu cheguei

¹⁰ Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Ceará.

¹¹ Exame Nacional do Ensino Médio.

¹² Sistema de Seleção Unificada.

nesse contexto, e do qual sou também muito grato por toda solidariedade e desafios compartilhados.

Em suma, o contato com o universo acadêmico da UNILAB estabeleceu uma quebra de paradigmas e preconceitos que nem imaginava ter. Sem esquecer dos grandes professores e professoras que tiveram papel fundamental para todas essas transformações e transições.

É preciso coragem para nos desafiar a ser quem somos. Coragem para nos amar. É isso que a sociedade me faz sentir. Coragem para enfrentar dia após dia um turbilhão de sonhos deixados pelo caminho porque a própria sociedade nos obrigou, nos empurrou a deixá-los para trás. Mas o caminho do conhecimento eleva não somente o intelecto, mas a alma e transforma o *silêncio em linguagem em ação*¹³, como disse Audre Lorde.

Porque renascer é doloroso, é diário, e resistir é político. Nossos corpos trans que carregam tantas faltas causadas por uma estrutura cis, hétero, branca, normativa e incapaz de sentir empatia, também carregam força, sonhos e vontade de crescer. Mas “*I’m still standing*”, eu ainda estou de pé, ainda estamos de pé!

Desejo que este trabalho traga a possibilidade de reflexão e conscientização de pessoas para um bem comum nas diferenças que é o direito à VIDA e a sua vivência com a qualidade que merecemos; pois, se cheguei até aqui, foi às custas de muitas mortes, muitos silenciamentos, muitos apagamentos. Penso esse trabalho é um instrumento de vocalização para todes que ainda estão na caminhada e nas batalhas até seus pódios.

Sou Michel, tenho 30 anos e me considero sobrevivente num país onde sequer chegamos aos 35 anos¹⁴. Como diz Ariel Nobre, sou TRANSVIVO, e esse trabalho é minha tentativa de trazer visibilidade a mais pessoas trans, para que tenham também a oportunidade de prestigiar essa vida com dignidade, afetividades e direito a ocupar espaços que ainda lhe são negados.

2. TRANSIÇÕES TRANSMASCULINAS PLURAIS

A intenção objetiva desse audiovisual é não somente explicar sobre as vivências, mas também compreender como se dá os vários processos de construção das transmasculinidades, bem como possíveis dificuldades e enfrentamentos durante esse processo.

¹³ Ver “A transformação do Silêncio em Linguagem e Ação” (LORDE, 1977)

¹⁴ A expectativa de vida de uma pessoa transgênera no Brasil é de 35 anos, metade da média nacional. O Brasil é líder em violência contra transgêneros no mundo. Entre janeiro de 2008 e dezembro de 2014, houveram registros de 1.731 homicídios. Fonte: Agência Senado (2017).

Por meio de uma visão (auto) etnográfica dentro de contextos um pouco diferenciados, como Acarape e Fortaleza, é importante ressaltar de que forma minhas próprias transformações também ocorrerão no início de transição de gênero, assim como de outros transmasculinos entrevistados nessa pesquisa.

Inicialmente, propus-me a participar de forma direta das filmagens das entrevistas, porém, houve a percepção de que já estou imerso na produção e por me fazer um corpo transmasculino profundamente dentro dessas transexperiências, posso ter a oportunidade de enaltecer minha potência enquanto pesquisador trans, mesmo não sendo interlocutor no audiovisual.

Minha análise possivelmente mais aguçada dos processos de exclusão frente à transição de gênero, me traz privilégios em comparação a maioria das pessoas trans que não consegue chegar nem a concluir o ensino médio devido à evasão escolar¹⁵.

Esse dito privilégio, a meu ver, também pode ser mais uma maneira de distanciamento, visto que poucos são os que estão nesse contexto e muitas vezes somos os únicos dentro de determinados grupos. Protagonizar pode ser doloroso quando somos alvo fáceis de exotização e diferenciação, gerando notadamente possíveis desconfortos em alguns âmbitos.

Essa análise poderá conceber o entendimento de como ocorrem os diferentes processos que permeiam a socialização de gênero entre os interlocutores cuja passagem da transição esses processos podem se cruzar.

Neste trabalho, proponho um olhar reflexivo de como se desenvolvem os novos discursos e as performatividades de gênero¹⁶ do sujeito transmasculino durante e após a transição inicial. Entendendo que as transmasculinidades podem se desenvolver em processos de vivências e resistências plurais a partir de seus contextos.

Os dados que a gente tem sobre a comunidade LGBT no Brasil hoje são lacunosos, assim como a maioria dos países. Então é muito difícil. O que se sabe é que a primeira causa de morte é o assassinato e a segunda é o suicídio. (NOBRE, 2018).

Essa afirmação é de Ariel Nobre, um homem trans publicitário e realizador de audiovisual nascido em São Paulo, em entrevista ao programa *La Madre Talks*, exibido no youtube. Ariel também é idealizador de um projeto de sensibilização contra o suicídio de homens trans no Brasil chamado *Preciso dizer que te amo*, que se transformou em documentário lançado em 2018.

¹⁵ Ver “Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa” (ANDRADE, 2015).

¹⁶ Conceito desenvolvido pela filósofa norte americana Judith Butler para se referir as reproduções de práticas/desejos heteronormativos dos papéis de gênero (masculino/feminino) no livro “Problemas de gênero” (1990).

Essa afirmação me faz sentir a necessidade de compreender se existe alguma relação entre a socialização que nós, homens trans, recebemos a partir do gênero que nos é designado ao nascer (feminino), com a alta taxa de tentativas de suicídio entre nós. Mas essa questão é pouco abordada no audiovisual e nas falas dos interlocutores, o que me faz querer levar a pesquisa desse recorte a um nível além desse trabalho de conclusão de curso.

4. METODOLOGIA

Para este trabalho, permiti-me partir inicialmente de uma metodologia de pesquisa e escrita (auto)etnográfica, apesar de decidir fazer parte do documentário como realizador de audiovisual, possibilitando viajar por etnografias que serão utilizadas por meio de entrevistas semiestruturadas. Sendo assim, a pesquisa é de cunho autoetnográfico e etnográfico, pois também contribuí com minhas experiências próprias na condição de sujeito transmasculino no trabalho escrito.

Através das entrevistas semiestruturadas e do campo de pesquisa das vivências trans, mais especificamente das transmasculinidades, percebo que pouco existe de produção acadêmica, e das escassas, sua grande maioria é realizada e desenvolvida por pessoas cisgêneras.

Em certos momentos, apesar de várias concordâncias e reconhecimentos de esforços de pessoas pesquisadoras no enfrentamento intelectual aos sistemas, as leituras acadêmicas dialogavam comigo de maneiras estranhas, o que as tornavam complicadas, desinteressantes e de limitado empoderamento político e existencial. Enquanto alguém que considerava atuar como pesquisadora em questões ligadas a identidades de gênero, compreendia-me por vezes deslocada de minhas vivências trans, particularmente quando houvesse, implícita ou explicitamente, uma premissa de que a pessoa interlocutora não fosse uma pessoa trans. (VERGUEIRO, 2015, p. 22).

Viviane Vergueiro, pesquisadora e ativista trans, descreve bem o sentimento que percebo em mim sobre essa estranheza na leitura sobre nós partindo de um olhar cisnormativo. Na academia percebo que somos corpos, por vezes, patologizados, tidos como corpos pesquisados que contribuem, mas ao mesmo tempo, nossas produções são invisibilizadas. Como questiona Vergueiro, *os textos acadêmicos se restringem a pessoas trans e travestis ou são produzidos supondo nossa inexistência na academia?*

5. CISGENERIDADE

A cisgeneridade¹⁷ como normatividade (VERGUEIRO, 2015), normaliza institucionalmente todas as formas de opressão cissexistas¹⁸ contra pessoas e seus corpos fazendo com que haja um reforço de existência de apenas um modelo de sexualidade e identidade de gênero. A nós que não nos adequamos ao padrão hegemônico da cisnormatividade¹⁹ é pré-definida uma norma de quem é e quem não é digno de uma vida minimamente plena de direitos e deveres.

Eu fiquei com esse medo grande de perder os meus amigos, de perder pessoas da minha família... Que já aconteceu... Alguns amigos deixaram bem óbvio que não respeitam. (SANTANA, 2019)

O medo na fala de Hesse confirma que na maioria dos casos do processo de transição de gênero, existe a exclusão causada pela transfobia²⁰. Dito isso, todos os corpos que perpassam pelas categorias consideradas dissidentes, enfrentam distanciamentos que podem ser diferenciados e interseccionados de formas singulares, tendo como resultado um sentimento de não pertencimento e não reconhecimento de si em variados contextos e territórios.

6. CAMINHOS TRANSVERSOS

Falar dessa obra não é falar apenas sobre um curta, é falar sobre uma forma de evidenciar todas as nossas dores e anseios diante do mundo, e mais precisamente da realidade do nosso país enquanto um local multiplural que consegue reproduzir tantas desigualdades sociais.

No dicionário, transversal significa atravessado, oblíquo, que se desvia, etc. Por esse motivo o tema principal foi nomeado como caminhos transversos, para representar os caminhos desviantes, desviados e atravessados pelos quais esses três homens trans perpassam em suas trajetórias.

¹⁷ Pessoas que reforça o gênero que lhe foi imposto ao nascer (pessoas não-trans).

¹⁸ Conceito de que a cisgeneridade é superior à transgeneridade.

¹⁹ Conceito que coloca a cisgeneridade como norma.

²⁰ Preconceito ou discriminação causado pela condição de uma pessoa ser transgênera.

7. O ROTEIRO

Na realidade nunca existiu um roteiro escrito de forma linear, de alguma maneira já estava pensado como iria acontecer o desenvolvimento das entrevistas e as filmagens do audiovisual. Portanto, a construção foi gradativamente se costurando com algumas colaborações essenciais.

Durante o percurso inicial da pesquisa pensei incessantemente se adentraria a produção audiovisual, já que encontrei bastante dificuldade quanto ao material técnico, pois em verdade não tinha equipamento algum de filmagem profissional. O que tinha era um celular android “meia-boca” e um notebook com um programa de edição instalado (que ainda estou aprendendo a utilizar todas as suas funções).

Conversando com uma amiga sobre essas dificuldades, ela me passou o contato de uma colega que supostamente poderia me emprestar uma câmera semi-profissional. E assim aconteceu. Lá estava eu finalmente com a câmera, ansioso para “me jogar” e iniciar as gravações.

Depois de resolvido esse pequeno problema de falta de recursos para as filmagens, me veio o pensamento de quem eu poderia convidar para a pesquisa como interlocutor. Logo surgiu a imagem de três pessoas que poderiam alavancar junto comigo nessa viagem.

7.1. ENZO RAPHAEL

Depois de muitas conversas, marquei a primeira filmagem com o Enzo Raphael. Já nos conhecíamos, então essa aproximação foi fácil e ele logo topou participar. Foi na casa dele no bairro de Messejana onde tudo começou. A minha preocupação sempre foi mostrar a realidade e o contexto em que vive cada interlocutor, pois dentro e à partir deles é que suas resistências começam.



No encontro com Enzo, conversei bastante com sua mãe, que no começo havia decidido aparecer nas gravações, mas depois desistiu dizendo que não se sentia preparada. Uma pessoa maravilhosa e uma mãe que compreendeu e acompanhou toda a trajetória de Enzo durante o processo de retificação (que aconteceu durante a pesquisa). Papelada pra cá e pra lá, correrias pra cá e pra lá, mas havia a certeza de um colo seguro no fim do dia para apaziguar suas angústias e ansiedades.

Sendo o mais novo dos interlocutores, demonstrou durante o processo de gravação uma timidez maior. Um olhar de esperança em meio a um turbilhão de ansiedades por dias melhores.

7.2. ÁMON ELISEU

Desde que cheguei na UNILAB²¹ em Redenção, Ámon foi uma das poucas pessoas que se aproximaram de mim e com essa amizade também consegui me reconhecer naquele território diferente do que eu havia crescido na região urbana de Fortaleza. Então inicialmente já tive seu aceite em relação a fazer parte da pesquisa, o que foi muito gratificante pra mim.

²¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.



Ámon Eliseu tem 43 anos de vida e uma sabedoria grandiosa. Uma potencialidade de caráter e sensibilidade que conheço em poucas pessoas. Isso tornou a pesquisa e a filmagem um processo agradável e leve, apesar de suas falas, muitas vezes, exporem uma realidade dolorosa dentro das suas transvivências. Me emocionei bastante em vários momentos do seu depoimento. É sempre um aprendizado se colocar no lugar de escuta.

7.3. HESSE SANTANA

De todos os interlocutores, Hesse é o que conheço há mais tempo. Vivenciamos muitas coisas juntos. 2013 foi um ano de muitas descobertas para nós. E de lá para cá, caminhamos numa amizade sólida de parceria e confiabilidade.



Sentimental, teatral e poético, Hesse começou a transição recentemente e a cada dia parece vislumbrar a percepção de um novo desafio, pois junto com a transição vem a percepção de como nossa sociedade pode ser adoecedora e intolerante com as diferenças. E sendo Hesse, um homem trans negro, o peso da opressão pode ser triplicado. Apesar disso, leva um sorriso no rosto e uma piada de resistência por onde passa. Dono de uma imaginação incrível, traz consigo a arte que usa como enfrentamento de seus monstros internos e externos.

Depois disso, continuei minhas andanças, minhas leituras, tentando me desviar um pouco dos cânones e encontrar algo mais próximo da nossa realidade. Assisti uma penca de vídeos sobre transgeneridades. Criei uma playlist e salvei todos para registro e consulta posterior. Assistir filmes, documentários, entrevistas, foi uma forma que encontrei de também estudar sobre produções audiovisuais.

8. PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO TRANSMASCULINAS

Imersos numa sociedade binária, na maioria dos casos, junto ao processo de transição vem a necessidade desses corpos transmasculinos de se auto demarcar, de se colocar em um local onde possam ser reconhecidos e onde suas identidades sejam legitimadas como existentes.

Eu vejo muitos meninos trans que não dizem que são trans. Eles querem se “passar por uma pessoa cis”. Eles querem ter a tranquilidade e a segurança de sempre serem vistos como homens cis. (RAPHAEL, 2019)

Como explica Enzo Raphael, para se sujeitar a essa demarcação, muitas vezes a pessoa transmasculina pode passar a performar uma masculinidade considerada tóxica, principalmente aquelas que chegam a passabilidade cisgênera, obtendo nesse sentido uma relação de dominação, ao reproduzir ações e comportamentos considerados apropriados ao *papel do sexo masculino* (CONNEL, 1995, p. 187).

Minha socialização de gênero feminina ocorreu até meus 27 anos e, como a de muitos transmasculinos, pode ser um marco característico dessas transvivências, principalmente quando a transição ocorre de forma tardia na vida desses sujeitos.

É notório que muitas instituições como famílias, escolas e igreja exercem o papel de generificar esses corpos, “podando as asas” das meninas e “soltando” os meninos. A meu ver, existem consequências específicas dessa socialização, como por exemplo, sujeitos transmasculinos serem mais “caseiros” e passíveis.

Explorar todas essas questões é necessário para que possamos compreender como se dão esses processos e levantar reflexões de como esses corpos sofrem as consequências da *heteronormatividade compulsória* que os colocam em um limbo de impossibilidade de existência.

9. CONSTRUÇÃO DO AUDIOVISUAL

A construção aconteceu aos poucos. Numa luta por equipamentos desde o começo do ano, mais precisamente de abril até julho. Mas a dificuldade não me fez desistir de tentar. Novas dicas foram surgindo, amigos me aconselharam a solicitação do equipamento da própria UNILAB, que até então, eu não sabia da existência. Foram grandes as dificuldades, principalmente pela pouca experiência fílmica que tenho.

Com poucos recursos técnicos, mas um grande entusiasmo, comecei as gravações com Ámon, utilizando uma câmera semi-profissional da universidade, um tripé e um microfone de lapela. Tive duas semanas para concretizar as filmagens, já que foi o tempo estipulado pela ASSECOM²² para devolução do equipamento.

Utilizei também celulares android e gravador de voz em alguns momentos, o que trouxe algumas oscilações do áudio entre as transições de uma cena para outra. Dito isso, aproximadamente 60% do filme foi realizado com o equipamento da UNILAB.

Todas as filmagens foram realizadas por mim. E com o tempo obtive dicas de transições e cortes da professora Rosália Menezes e da minha co-orientadora Joceny Pinheiro. Leandro Sampaio, artista musical e visual, esteve junto na elaboração do roteiro e reflexões sobre a montagem e edição. Sou muito grato a essas pessoas pela partilha de conhecimentos.

10. DIÁLOGO COM AS BIBLIOGRAFIAS

Apesar das escassas produções a nível nacional acerca da temática, meus diálogos bibliográficos estão sendo realizados a partir das margens, pois enxergo alguns riscos ao nos debruçarmos sobre as obras mais conhecidas que não raro partem de uma perspectiva bastante eurocentrada. Não estou aqui desmerecendo essas vastas contribuições, pois as avalio como importantes; mas, não deixo de buscar outras interpretações a partir de experiências ocorridas e refletidas com base em outros eixos continentais e culturais que não aqueles profundamente imersos na tradição de pensamento europeu. Sendo assim, acredito

²² Assessoria de Comunicação UNILAB.

na possibilidade de existirem outras vias, ainda que silenciadas, cujos trajetos analíticos buscam senão romper, ao menos sinalizar para outras interpretações produzidas nos contextos das subalternidades decoloniais.

Sendo assim, e conforme dito anteriormente, falar sobre pluralidade das transmasculinidades é falar de um território ainda pouco explorado no que se refere a produções acadêmicas no Brasil. Pensar sobre essas perspectivas é trazer à tona que boa parte desses estudos levantados até hoje, além de sua maioria serem desenvolvidos à partir de uma perspectiva cisnormativa como declara Viviane Vergueiro (2015), muitas vezes surgem como estudos que patologizam nossa *transexperiência masculina* (ÁVILA; GROSSI, 2010).

Pensando nessas trajetórias transmasculinas, é perceptível a existência de *transidentidades* plurais que se transversalizam em contextos diferentes tornando-se singulares. Essas fronteiras interseccionais e interdisciplinares desencadeiam diversas *performances de gênero* (BUTLER, 1990), ao passo que muitas dessas performances de gênero transmasculinas acabam por replicar *masculinidades hegemônicas* (CONNEL, 1995), fato que pretendo aprofundar a compreensão por meio dessa pesquisa.

E no caso dos homens trans*, era visível o discurso que valorizava a virilidade. Mas quando eu ia às suas casas, aqueles discursos proferidos no ambiente do hospital ficavam sem sentido (...) No caso dos homens trans*, a virilidade discursiva dava lugar a homens que compartilhavam as tarefas domésticas e performatizavam uma masculinidade sensível. (BENTO, 2017, p. 150).

Em devaneios do meu próprio curso enquanto pessoa transmasculina até aqui, refletindo como um *viajante pós-moderno* (LOURO, 2004), percebo que essa é uma viagem de constantes transições que se potencializam com o passar do tempo, fazendo com que saíamos dessas caixas pré-formatadas para nós, trans.

[...] o movimento de homens trans possui múltiplas identidades e experiências de gênero, inclusive, de corpos que não querem aderir às expressões cisnormativas femininas e também as masculinas. Trata-se, assim, de recentes configurações estéticas com as quais muito tem a contribuir para a construção de uma inteligibilidade plural dos corpos. (MORELLI, 2018, p. 417).

Para chegar até aqui não foi fácil, mas enquanto pessoa transmasculina branca, reconheço meu privilégio em estar inserido na academia e podendo discutir sobre algo que nos é tão caro, algo que a grande maioria não tem a oportunidade. Angústias, perspectivas e expectativas perante o “c”istema, é meu dever como estudante e pesquisador dar relevância e visibilidade a essas questões minhas e de tantas pessoas que, como eu, trazem marcas de constantes violências na mente e, por vezes, no corpo.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou analisar partindo de diferentes contextos dos três interlocutores, bom como do meu próprio olhar enquanto transvivente, demonstrando as instituições que cerceiam nossas vivências e demarcam quais os lugares onde se constroem sentimentos de não pertencimento causados pela transfobia e pela construção no imaginário histórico da nossa sociedade da cisgeneridade como norma.

As entrevistas revelaram percepções plurais acerca dos vários contextos em que vivem os três interlocutores apresentados no audiovisual. A visão dos medos, dos sonhos e das transexperiências antes e depois do processo de transição de gênero. Demarcando locais e relações de distanciamento.

Narrativas que vão de encontro aos dados que mostram o Brasil como país que mais mata pessoas trans no mundo. E essas mortes não somente físicas, mas epistemológicas, dessa maneira demarcando que há um apagamento dessas pessoas dentro de âmbitos como escola e universidades. Bem como mercado de trabalho.

Mas como bem nos revelam os estudos de gênero atuais, essas realidades estão em constante transformação e resistência. Principalmente na conjuntura que aqui se assola e que devemos através do conhecimento, barrar. Sempre abaixo e às esquerdas, como afirma Viviane Vergueiro (2015).

Enquanto um pesquisador transgênero tendo privilégio de falar sobre essas vivências, me sinto no dever de trazer a realidade para que seja escancarada. Para isso não é necessário palco, mas é necessário força e voz, pois é nos bastidores e nas bases que são revelados os aprendizados mais profundos. Com afeto e resistência, seguiremos buscando romper as estruturas hegemônicas!

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES

- ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola**: assujeitamento e resistência à ordem normativa. 2015. Tese de Doutorado.
- ALMEIDA, G. **Homens trans**: Novos matizes na aquarela das masculinidades? Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 2012.
- ÁVILA, Simone Nunes; GROSSI, Miriam Pillar. Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina. Anais do Fazendo Gênero 9 – Diásporas, diversidades, deslocamentos, 2010, Florianópolis.
- BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BENEVIDES, B. **Precisamos falar sobre o suicídio das pessoas trans!** Antra Brasil, 2018. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/2018/06/29/precisamos-falar-sobre-o-suicidio-das-pessoas-trans/>>. Acesso em: 09 de abril de 2019.
- BENTO, B. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Tradução de Renato Aguiar.
- CONNEL, R. **Políticas de Masculinidade**. Revista Educação e Realidade. Porto Alegre, n. 20, p.p 185 – 206, jul. -dez. de 1995.
- DE JESUS, Jaqueline Gomes; ALVES, Hailey. **Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais**. Revista Cronos, v. 11, n. 2, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Quando as imagens tocam o real**. Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 209, nov. 2012.
- LOURO, G. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MORELLI, F. **Os CISTemas das mídias digitais**: notas sobre a perspectiva de um homem trans sobre os aplicativos voltados ao público gay. Periódicus, Salvador. n. 9, v. 1 maio.-out. 2018 p. 400-418.
- NERY, J. **Viagem Solitária**: Memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo: Grupo Leya, 2011.
- NERY, João Walter; MARANHÃO, Fo. **Transhomens no ciberespaço**: micropolíticas das resistências. In) **Visibilidade Trans**, v. 2, p. 139-165, 2013.
- VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

